

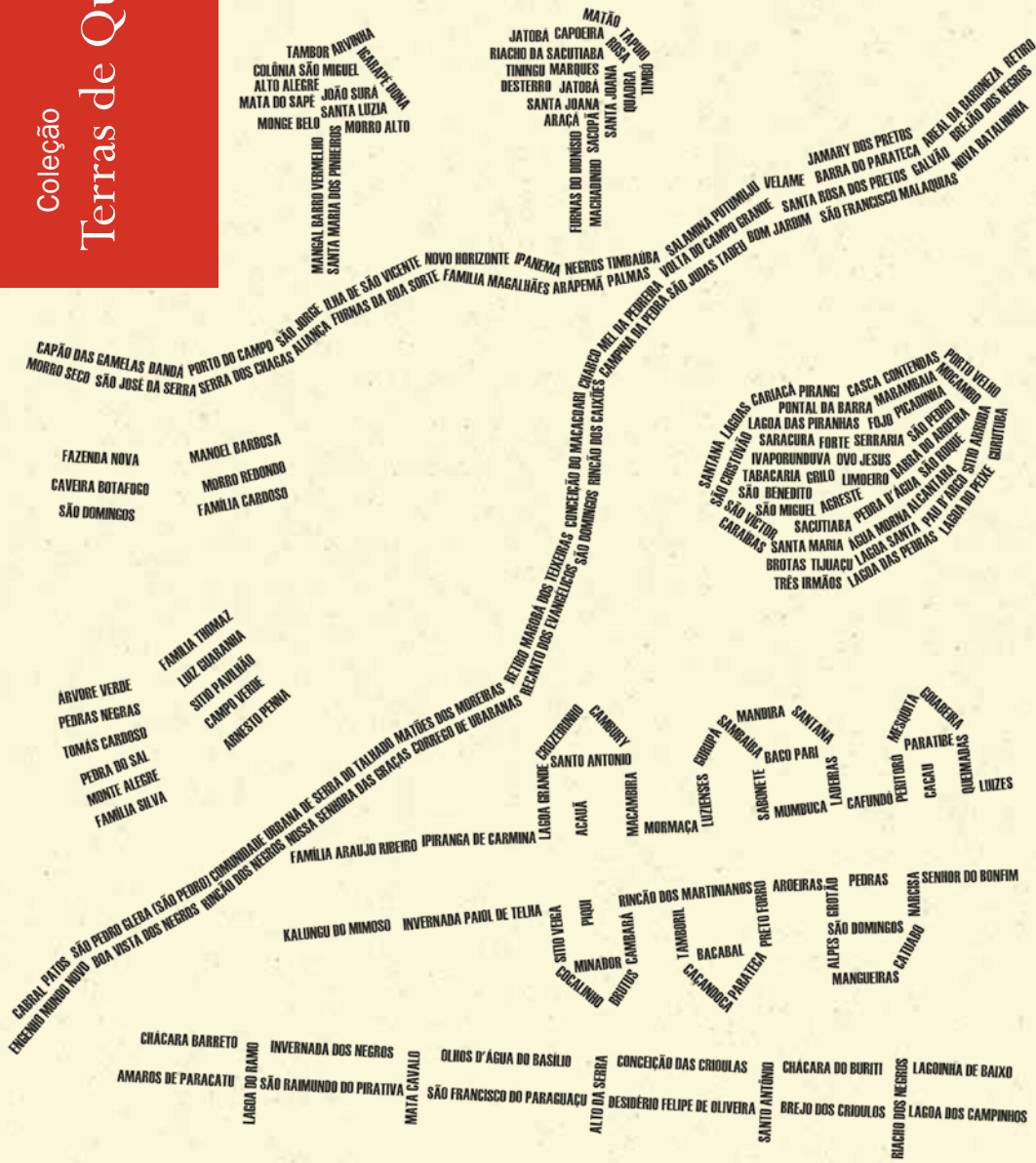


Coleção

# Terras de Quilombos

Rio de Janeiro

## Comunidade Quilombola Cruzeirinho



# As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

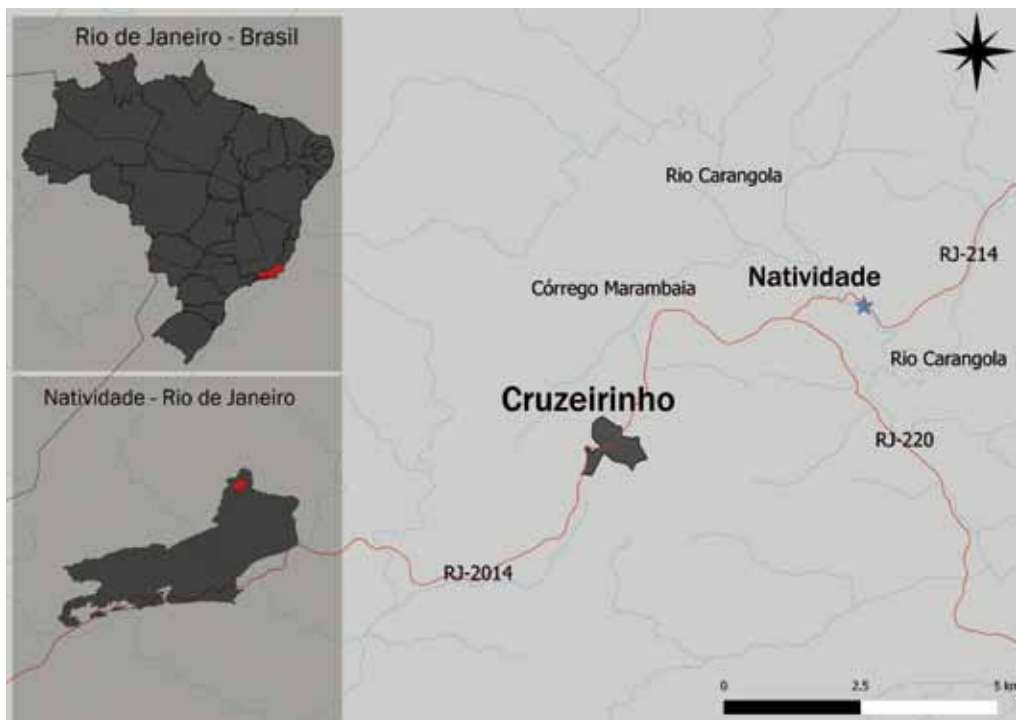
O objetivo da parceria entre INCRA, NEAD (SEAD) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



# Comunidade Quilombola Cruzeirinho

A Comunidade Quilombola do Cruzeirinho está localizada na região Noroeste do estado do Rio de Janeiro, próxima à cidade de Natividade. Em 2009 foi certificada pela Fundação Cultural Palmares e, em 2012, teve seu território estimado em 62,5433 ha de acordo com o Relatório Técnico do INCRA. Nesse ano, moravam aproximadamente 40 famílias no quilombo, somando cerca de 150 pessoas. O quilombo traz a notável singularidade de ter nascido das relações ancestrais dos africanos com indígenas, chamados Puri.



A origem de Cruzeirinho está ligada à expansão das lavouras de café e remonta à história do trabalho escravizado e das resistências no século 19, especialmente nas áreas de antigas fazendas como Santa Rosa, São José, São Tomé e Monte Alegre. **Foi especialmente na área da Fazenda Santa Rosa, além de áreas vizinhas, que se formou um primeiro assentamento de famílias que antes haviam sido escravizadas, estabelecendo um território de defesa do seu modo de viver: no ritmo do jongo, com a força dos festejos para os santos, com o cuidado e os ensinamentos dos antigos, com as cantigas e brincadeiras que animam a comunidade.**

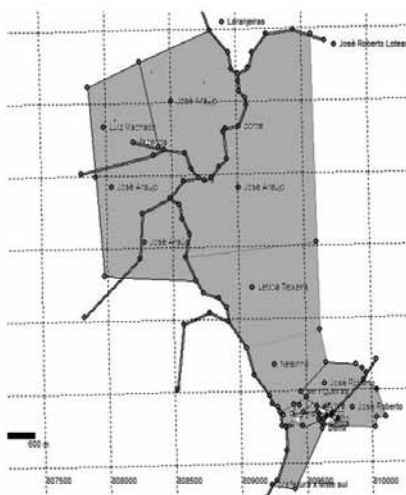


Ilustração do território proposto pela comunidade de Cruzeirinho, traçado a partir de marcos históricos identificados por integrantes do grupo.

Fonte: Elaborado a partir de Pesquisa de Campo.

## Africanos com *Puri*

A área central do território de Cruzeirinho é conhecida como *terra do santo*, uma terra doada, onde havia a antiga igreja de São Pedro, com um Cruzeiro, que embora não exista mais, nomeia a comunidade. No *tempo antigo*, os morros e os cruzeiros eram referências para localização dos diferentes lugares que iam compondo o território quilombola, pontos de festejo e devoção, onde faziam as novenas e festas em homenagem aos santos. Uma memória bonita é a dos cruzeiros iluminados por velas, nos dias de festas, antigamente.

A região era ocupada por diferentes etnias indígenas, como os Coroados, os Coropó e os Puri - esses últimos destacados como parte da ancestralidade dos quilombolas. Como contam moradores, as terras do quilombo foram pouco a pouco ocupadas pelas famílias que partiam das grandes propriedades da região, onde trabalhavam sob violência e opressão, e que no Cruzeirinho reconstruíram sua história.

Em 2010, aos 78 anos de idade, Dona Tatinha, que foi colona na Fazenda Santa Rosa, que tinha uma pequena propriedade na divisa com o povoado, relembra a história do *peçoal antigo* que havia trabalhado na Fazenda São José e que, como ela, veio viver ali. Seu pai, filho de uma mulher escravizada, presenciou o *tempo da escravidão*. Foi dele quem Tatinha ouviu *histórias do tronco*: “lugar de amarrar os escravos para fazer conferência, assim porque errou, porque fez pirraça e ali davam castigo”.

Uma dessas histórias é marcante e, para muitos, descreve a origem do povo do Cruzeirinho. Conta sobre uma revolta de escravizados que aconteceu em um lugar próximo chamado *Porteira Preta*. Nessa ocasião, o fazendeiro e fundador de Natividade, José Lannes Brandão, Zé

*de Landes*, conhecido como senhor de muitos escravos, teria sido morto. A memória dessa revolta é referência da história de formação do Quilombo Cruzeiroinho, que enfatiza a capacidade de resistência da comunidade.

Dona Tatinha conta que seu pai era neto de *Zé de Landes* com uma escravizada, de quem teria herdado um pedaço de terra em um lugar chamado Malacaxeta. Mas a posse dessa terra não foi respeitada, e foram obrigados a sair: “Restava um cheirinho de escravo”, comenta ela, sobre a ausência de direitos que sua família experimentou, tal qual os escravizados na região.



Dona Tatinha, uma das antigas moradoras do Cruzeiroinho, cujo pai contava as histórias do tempo da escravidão.

Fonte: RTID/INCRA, 2012.

As muitas famílias que partiam de grandes propriedades na região foram se estabelecendo em *um pedaço de terra* que transformaram em um território de comunidade. **O nome do quilombo faz referência a um dos muitos cruzeiros construídos no lugar conhecido como *terra do santo*, em referência à Igreja de São Pedro que tinha um Cruzeiro.** Era um lugar muito frequentado, onde faziam muitas festas. Na *terra de santo* se dedicavam ao culto de São Benedito, Santo Antônio e Nossa Senhora das Graças, esses últimos, padroeiros do lugar. Segundo Juanice, agente de saúde e presidente da Associação Quilombola de Cruzeirinho, “a vovó conta que havia um cruzeiro na terra (hoje) da prefeitura, lá naquela árvore e era todo iluminado, ele acendia de noite. Devia ser vela porque naquela época não tinha energia”.

Para além da *terra do santo*, todo o território do Cruzeirinho tem marcas que identificam seu povo. A Mata de São Vicente, onde habitavam indígenas Puri, é visível a partir dos quintais de muitas casas. Nessa mata, muitos escravizados fizeram



Vista de casas da comunidade de Cruzeirinho. No centro da imagem, uma igreja evangélica. E, ao fundo, o alto da terra do santo.

Fonte: RTID/INCRA, 2012.

refúgio. O lugar inscreve a memória do parentesco dos quilombolas com os indígenas, *africano com puri*, conforme dizem. Próximo dali, na cachoeira na Fazenda Monte Alegre, existe uma pedra conhecida como *Bacia de Puri*, que era muito usada para banho. Seu Jamir comenta sobre a ancestralidade indígena do povo do Cruzeiroinho: “quase todo mundo aqui tem uma racinha de Puri”. Ele mesmo se diz “raça de Puri com Africano”.

De acordo com os quilombolas, a área da *terra do santo* era maior que a atual, mas um antigo fazendeiro vizinho mudou a cerca de lugar, invadindo o território do quilombo. Este fazendeiro e seus herdeiros não são reconhecidos como integrantes da comunidade.

Atualmente, a *terra do santo* é atravessada pela rodovia RJ-214, e as casas dos moradores estão, em geral, dentro de pequenas áreas, seja na própria *terra do santo*, seja nas suas proximidades, como é mais comum. São pequenos lotes à margem da rodovia, que compõem parte da comunidade de Cruzeiroinho.

Uma história de um dos mais antigos moradores do quilombo conta da importância dessa área para a comunidade e do seu valor de usufruto, que nada tem a ver com um valor de mercado. Ele vivia na Fazenda Santa Rosa, e, após morar alguns anos no Rio de Janeiro, junto de seus pais, ainda jovem, voltou para casar-se em Cruzeiroinho. Usufruindo um *direito de posse* de seu sogro, passou a morar na *terra do santo*. Mas logo se mudou para uma fazenda próxima, aproveitando uma oportunidade de trabalho. Na ocasião, repassou o *direito de posse* a um conhecido, tendo recebido uma quantia em dinheiro, pelas benfeitorias instaladas no terreno. Essa negociação não envolveu a venda da terra, mas um valor correspondente ao trabalho nela realizado, conforme as possibilidades de cada um. Porque a *terra do santo* “é terra que não se vende”.



## O caxambu do Cruzeiroirinho

Cruzeirinho se destaca como a única comunidade jongoira do município Natividade. Jongo e caxambu são expressões de toque, canto e dança, intimamente ligadas e muito antigas, do *tempo dos escravos*. *Caxambu* é uma palavra que tem muitos significados, dentre eles o nome de um tambor feito de madeira e couro, e no caso de Cruzeiroirinho, é o nome utilizado para a dança de roda de origem africana. Os tocadores assentam sobre a madeira e batem fazendo um som grave semelhante ao de um bumbo.

Contam que antigamente vinha gente de toda região, da localidade de Santa Rosa, de São Tomé e de Monte Alegre, participar das festividades no Quilombo de Cruzeiroirinho, dançar nas rodas, saudar a fogueira. O pai de Juanice, que é a atual presidente da Associação Quilombola, conta que as festas aconteciam em *época de fogueira*, como nas festas juninas. O povo dançava e cantava versos.

Seu Joaquim Cipó, mestre de caxambu *nascido e criado* no quilombo, comenta que uma dificuldade para a continuação do caxambu é a associação que muitos fazem com *magia* e a *macumba*. Atualmente, a maior parte dos quilombolas são evangélicos ou católicos e a religiosidade de matriz afro-brasileira não é admitida. Seu Joaquim Cipó resolve a dificuldade afirmando que a relação entre o caxambu e a magia é *uma coisa do passado*. Segundo comenta, antigamente, sim: “Levavam a magia pra dentro da roda de caxambu”, travavam *demandas* com seus oponentes, usando a magia para derrubá-los. Algumas vezes se referem a esses antigos como *macumbeiros* e, apesar da conotação negativa, reconhecem que foi um saber estratégico para a resistência do quilombo.

No *tempo antigo*, utilizavam da magia e da capacidade de *amarrar pessoas* para poder proteger a própria comunidade. Os *sabidos* eram capazes de parar carros de boi, fazendo com que atolassem até em *chão seco*, e de amarrar forasteiros que buscassem a comunidade para dela tirar proveito.

As *sabedorias* dos antigos envolviam também *simpatias*. Contam que:

uma mulher sabida, andava de terço mesmo, benzia muito, tudo dela era chá, muita simpatia que ela fazia... Simpatia pra bronquite. Já [fulana] era macumbeira mesmo, igual a[beltrano], ele também era. Dele me lembro que cobra moradia, naquela época diziam [ser] ofendido de cobra. E, eles não iam a médico nem usavam remédio. E, em casa mesmo ele fazia as orações dele, furava um buraco, enterrava o pé. O cidadão ficava a noite inteira com os pés dentro da terra, atolado. Noutro dia meu avô vinha e achava a cobra no mesmo lugar que em que foi picado. Depois [beltrano] morreu evangélico. Mas ele era também macumbeiro, não era nem espírito [espiritismo], igual eles falam, não. O [beltrano] era macumbeiro mesmo.

A magia e a *demanda* faziam parte dos festejos e brincadeiras de Cruzeirinho. Seu Delmir conta sobre uma das festas em que era jogado o caxambu. *Lá pelas tantas*, ele acabou sendo *amarrado* no meio da dança: ficou paralisado, até que conseguiu reagir em versos, respondeu e se livrou do malfeito:

*Eu já passei na fogueira e cumprimentei essa menina aí... nos cumprimentamos no meio da fogueira... Na ocasião fizeram um verso para me amarrar, eu fiquei um pouco amarrado (risos). Mas depois, esse verso ainda trago guardado até hoje, mas para eu poder ficar em liberdade aí eu cantei, cantei um verso assim ó: -'Povo do cruzeirinho eu vim aqui, eu não vim pra demandar, eu vim pra conhecer o povo desse*

*lugar’, aí que me libertaram; Eles me amarraram assim de brincadeira sabe?* (Entrevista com Sr. Delmir, realizada na cidade de Natividade, em 2009).

Conforme conta Seu Joaquim Cipó, a magia no caxambu ficou sendo *coisa do passado* e hoje não seria mais preciso “trazer os espíritos para a dança”. O caxambu seria agora muito mais uma forma de recuperar a história e fortalecer a tradição cultural do Cruzeiroirinho. **Apesar das dificuldades e da necessidade de incentivos, o mestre reconhece que existem jovens na comunidade que, ao seu modo, mantém vivo o caxambu: “É menino novo, que vê aquela da tradição, está na veia e aí vira e mexe eles se juntam aí, fazem a rodinha de pagode deles, batem um caxambu”** (Seu Joaquim Cipó, 2009).



Cultivo doméstico em Cruzeiroirinho  
Fonte: Relatório antropológico, 2012

## Terra de memória, trabalho e sustento

Os quilombolas do Cruzeiroinho chamam a atenção para o fato de que, diferente de muitas das terras vizinhas, onde a Mata Atlântica foi destruída para dar lugar a “pastos sujos”, no quilombo cultivam a terra e produzem alimento. A economia do município de Natividade gira em torno do gado de corte e da produção de leite. Com isso, as áreas de pasto têm crescido, avançando sobre as comunidades. A terra já é escassa no Cruzeiroinho e cada *pedaço de chão* contribui para o sustento das famílias.

A paisagem do quilombo é marcada pela abundância de árvores frutíferas, plantadas em todo canto. Existem bananeiras plantadas mesmo à margem da rodovia, entre o córrego e o prédio da escola, e também nos caminhos entre as casas. Nas áreas de entorno das casas costumam cultivar uma grande diversidade de plantas (cheiros-verdes, chás, verduras e flores), às vezes em vasilhas penduradas nas varandas, ou nos troncos de árvores próximas, ou ainda em bacias dispostas sobre os muros. Mesmo em áreas íngremes, há cultivo de milho e mandioca.

**A sabedoria dos antigos ensinou aos quilombolas do Cruzeiroinho a usar plantas como medicamentos.** Quando as famílias precisam de medicação, é da terra que colhem, como recolhem a matéria para o trabalho dos artesãos: fibras para fazer balaios e cestas, madeira para pilãozinho de socar alho, vassouras, azeite da mamona, ou sabão de cutieira – planta típica da Zona da Mata.

**A união e a ajuda mútua são marcantes da comunidade.** Segundo seus moradores, diferente de outros lugares, em Cruzeiroinho as pessoas são todas “interligadas,



Jorge, Juanice e seu Jamiro mostram a produção local de mel.

Fonte: RTID/INCRA, 2012.

*dependem da ajuda um do outro*". É uma *comunidade de parentes*. Mostra disso é uma área de terra junto ao chamado "Morro do Cruzeiro". Ali, antigamente, eram feitas festas religiosas, jogos de bola, rodas de quadrilha e bailes. Hoje, é um espaço de lazer da comunidade, e também é utilizado para o cultivo comum de diversas plantas frutíferas, roças de mandioca, milho, feijão e para a produção de mel. No entanto, essas terras foram vendidas para a prefeitura de Natividade, que pretendia implantar ali um projeto de casas populares. A "terra da prefeitura", como é chamada atualmente, é disputada entre a comunidade do Cruzeirinho e a prefeitura.

Em decorrência do território reduzido, muitos quilombolas se dedicam à lavoura e à criação de animais em propriedades vizinhas, como diaristas ou meeiros, parceiros de comerciantes e arrendatários: "lá [na área de vizinhos] eles [moradores do Cruzeirinho] colhem o tomate para o meeiro e tem um espacinho que a gente pode plantar um jiló, um pimentão", comenta Juanice. Cultivam hortaliças que são vendidas em

feiras e mercados da região, e que servem também para consumo das famílias. O que mais produzem, no regime de meia, é o arroz que cultivam em áreas alagáveis, em terras próximas do quilombo, como na propriedade Santa Rosa. Outros quilombolas trabalham em serviços públicos do município, ou como trabalhadores temporários na cidade, como pedreiros, mecânicos, funcionários domésticos ou no comércio ambulante, vendendo utensílios e produtos agrícolas.

A falta de terra atrapalha muito a comunidade. São muitas as restrições para o trabalho dos quilombolas, o que acaba causando a separação das famílias. Muitas pessoas precisam partir da comunidade para trabalhar, ou mesmo viver, em locais mais afastados. **A titulação do território quilombola ajudaria, nesse sentido, na permanência das famílias na sua terra ancestral, favorecendo sua autonomia e a conquista de seus direitos. É esse o pleito da comunidade. É justamente a preservação do que é comum e daquilo que é próprio que fundamenta a demanda do povo do Cruzeiroinho. O reconhecimento de sua história, de sua tradição e de seu modo de vida já são grandes conquistas. Agora é preciso assegurar e tornar definitivo seu direito à terra.**



Casas de Cruzeiroinho. Fonte: RTID/INCRA, 2012.



Cruzeirinho vista da rodovia RJ-214 que atravessa o território.  
Fonte: RTID/INCRA, 2012.

Essa narrativa foi elaborada por Stéfane Crysleine Alves Guimarães e André Drumond, baseados no Relatório Antropológico de Identificação Territorial da Comunidade Negra Rural do Cruzeiroirinho, RTID/Incrá Remanescentes de Quilombo Cruzeiroirinho (2012), elaborado por Eliane Cantarino O'Dwyer, Elisa Cotta de Araújo, Nathalia Klein e Saulo Ribeiro Silos.

# Uma palavra da comunidade Cruzeirinho

Cruzeirinho é uma comunidade que se formou com a doação de terra, do proprietário Álvaro de Andrade de Souza e sua esposa a Santo Antônio, em 25 de julho de 1942. Nessa época, ex-escravizados das fazendas da região, portanto pessoas livres, construíram suas casas no terreno da igreja e também ao seu redor.

A área da comunidade é pequena e desde sua fundação alguns moradores que passavam por dificuldades financeiras acabavam vendendo seus pedacinhos de terra em troca de mantimentos. Contudo, hoje a maioria dos moradores são funcionários públicos e alguns trabalham, à terça, em terras de fazendas próximas a Cruzeirinho.

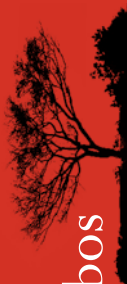
Quando viajamos para eventos ligados à questão quilombola aproveitamos para expor nossos trabalhos de artesanato e também em feirinhas que acontecem nas redondezas. Já uma das nossas maiores conquistas foi a instalação de uma Escola-Creche Municipal Cruzeiro de Cima que atende crianças matriculadas na educação infantil e do primeiro ao quinto ano no ensino fundamental.



Em Cruzeiroinho há também um sub-posto de saúde com médico, enfermeiro e agente de saúde, contudo temos grande dificuldade com a falta de água potável e saneamento básico. A coleta de água vem de um poço artesiano, que nem sempre bombeia água para todos e, por vezes, a bomba estraga. Para sanar esses eventuais problemas, conseguimos água encanada de uma nascente, porém com risco de vir impurezas devido às chuvas e entrada de animais na área da nascente.

Além de água de qualidade nos preocupamos também com nossa juventude. A comunidade após o reconhecimento quilombola ficou mais conhecida e começa a ser comum a entrada de drogas. Não queremos isto aqui. A titulação também é um sonho e desejamos que ela ocorra de maneira justa sem causar grandes conflitos.

Por fim, aproveitamos este espaço para homenagear a senhora e moradora Hilda Luciana que é memória viva da nossa história de fundação e Dona Tatinha por ter sido uma grande colaboradora que narrou e conheceu muitos de nossos antepassados, ela que é bisneta do fundador de nossa cidade, José de Lanes Dantas Brandão.



# Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CERBRAS
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Juarez Rocha Guimarães, Leonardo Avritzer, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONCEPÇÃO DE TEXTO, EDIÇÃO FINAL E SUPERVISÃO	Fernanda de Oliveira, Juarez Rocha Guimarães, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Aline Neves Rodrigues Alves
ADMINISTRAÇÃO	Agnaldo P. Ferreira Júnior, Danúbia Zanetti, Priscila Z. Martins
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

D795q Drumond, André  
Quilombo Cruzeiroirinho / André Drumond , Stéfane Cryslaine Alves  
Guimarães. - Belo Horizonte : FAFICH, 2016.

16 p. (Terras de quilombos)

Baseado no Relatório antropológico de identificação territorial da  
Comunidade Negra Rural do Cruzeiroirinho, de Eliane Cantarino O'Dwyer.

1. Quilombos. 2. Antropologia. I. Guimarães, Stéfane Cryslaine Alves.  
II. O'Dwyer, Eliane Cantarino. Relatório antropológico de identificação  
territorial da Comunidade Negra Rural do Cruzeiroirinho. III. Título. IV. Série.

CDD:306

CDU:39

MICHEL TEMER  
Presidente da República

ELISEU PADILHA  
Ministro da Casa Civil

JEFFERSON CORITEAC  
Secretário Especial de Agricultura Familiar  
e do Desenvolvimento Agrário

JOSÉ RICARDO RAMOS ROSENO  
Secretário Executivo Adjunto

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA BOVO  
Diretor do Núcleo de Estudos Agrários e  
Desenvolvimento Rural - NEAD

JÚLIO BRAGA MANDÚ  
Coordenador do Núcleo de Estudos Agrários  
e Desenvolvimento Rural - NEAD

LEONARDO GÓES SILVA  
Presidente do Instituto Nacional de  
Colonização e Reforma Agrária - Incra

ROGÉRIO PAPALARDO ARANTES  
Diretor de Ordenamento da Estrutura  
Fundiária - Incra

ANTONIO OLIVEIRA SANTOS  
Coordenador Geral de Regularização  
de Territórios Quilombolas - Incra

GUILHERME MANSUR DIAS  
ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI  
JULIA MARQUES DALLA COSTA  
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS  
Apoio técnico – Superintendências do  
Incra nos estados

## A Coleção Terras de Quilombos

reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconceções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.

UFMG

CERBRÁS  
CENTRO DE ESTUDOS  
RURAIS E SOCIAIS

IB  
CES - AL

Quilombos

INCRA nead

SECRETARIA ESPECIAL DE  
AGRICULTURA FAMILIAR E DO  
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

BRASIL  
GOVERNOS UNIDOS